



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de premiação da 4ª Olimpíada Brasileira de Matemática das
Escolas Públicas**

Rio de Janeiro-RJ, 15 de abril de 2009

Na próxima Olimpíada, o Camacho e a Suely vão programar a entrega da medalha na beira de uma praia, com muita comida, com refrigerantes para vocês, obviamente, e nós vamos fazer uma festa maior.

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os ministros Fernando Haddad e Sérgio Rezende,

Quero cumprimentar o nosso querido vice-governador, o companheiro que trabalha incansavelmente para melhorar a situação do Rio de Janeiro, junto com o nosso governador, nosso companheiro Luiz Fernando de Souza Brandão,

Quero cumprimentar o almirante-de-esquadra José Antônio de Castro Leal, diretor-geral do pessoal da Marinha brasileira,

Quero cumprimentar o deputado federal Nazareno Fonteles,

Quero cumprimentar o Eduardo Paes, nosso prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o Carlos Henrique Custódio, presidente dos Correios,

Quero cumprimentar todos os secretários e secretárias estaduais que estão aqui,

Cumprimentar o nosso querido professor César Camacho, diretor-geral do Impa,

A professora Suely Druck, diretora acadêmica da OBMEP,

O professor João Lucas, diretor acadêmico da OBMEP,



Quero cumprimentar o professor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,

Nosso professor Marco Antonio Raupp, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,

Professor Sérgio Mascarenhas,

O nosso tetracampeão Gerson Tavares de Souza,

E a jovem Maria Clara Mendes Silva, tricampeã da OBMEP, em nome da qual saúdo todos os alunos premiados da OBMEP,

Quero cumprimentar os professores,

As professoras,

Os pais e as mães que vieram aqui,

Os jornalistas,

E dizer para vocês do prazer de ver um sonho se realizando. E aos poucos nós vamos fazendo a sociedade brasileira compreender que um prefeito, um governador de estado, um presidente da República, quando é eleito, ele pode fazer uma grande estrada, uma grande ponte, ele pode fazer uma série de obras importantes, mas nenhuma obra será mais significativa do que cada centavo que o governante colocar para melhorar a educação deste país. Nada, nada é mais importante do que melhorar a educação deste país. E falo isso com orgulho de um presidente da República que não conseguiu estudar sequer a quantidade de anos de escola que vocês estudaram. Falo isso na condição de um presidente da República que foi o primeiro filho de uma família de oito irmãos que tirou o diploma primário, que fez um curso técnico e que, por conta disso, por teimosia, como vocês, por vontade, como vocês, eu cheguei à Presidência da República.

E aqui a gente percebe jovens de diferentes origens sociais, jovens que estão em escolas públicas, mas que têm pais de classe média baixa, jovens de escola militar, que têm pais pobres e pais de classe média ou pais militares



mesmo. É uma coisa que vocês precisam compreender como vocês compreenderam a importância de estudar matemática: o Brasil já teve escola pública de excepcional qualidade. Nós temos duas olimpíadas, não é, Camacho? Nós temos a OBM, que é a olimpíada da matemática, que existia e que existe ainda antes de a gente tirar a Olimpíada da Matemática das Escolas Públicas. Porque no Brasil, na década de 50, Fernando Haddad, eu acho que até a década de 60, se vocês pegarem os grandes intelectuais brasileiros, se vocês pegarem os grandes cientistas brasileiros, todos, quase, estudaram em escola pública. Todos.

Hoje, se constituiu no Brasil uma política de ensino, da década de 70 para cá, e que quando se tomou a decisão de colocar todo mundo na escola, a qualidade da escola caiu, porque com a obrigação de universalizar o ensino não veio a obrigação conjunta e concomitante de manter o padrão da educação neste país. Então, vejam o que aconteceu no Brasil: há 50 anos, só entrava em uma universidade privada, ou melhor, em uma universidade pública de qualidade, em uma universidade federal, as pessoas que estudavam nas escolas públicas desse país. E tinham poucas escolas privadas, poucas universidades privadas.

Na medida em que foi caindo a qualidade da educação no ensino fundamental, a classe média brasileira foi procurando uma fuga para melhorar a educação dos seus filhos, então foram surgindo as escolas particulares, e parte da classe média brasileira, por não receber do poder público a educação de qualidade que queria dar para os seus filhos, procurou escolas públicas, algumas... escolas privadas, algumas de muitas qualidades, e todo mundo sabe que lá em São Paulo, aqui no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, tem escola privada em que, no ensino fundamental, o preço da mensalidade é quase o preço de uma universidade particular. Então, na medida em que a classe média foi fugindo para encontrar uma forma de melhorar a educação dos seus filhos e, conseqüentemente, gastar parte do seu orçamento com a



educação, os prefeitos, governadores, presidentes da República, foram deixando de dar importância para a escola pública de qualidade, e ela foi definhando, ela foi piorando, ela foi ficando de má qualidade.

Vejam que absurdo que nós vivemos no Brasil: hoje, os jovens de escolas públicas, que não podem pagar uma escola excepcional privada, na hora em que vão para a universidade, eles não conseguem entrar nas universidades públicas. Eles muitas vezes vão para universidades particulares. E aí acontece a primeira contradição: ele passa no vestibular, quando chega no mês de fevereiro que tem que pagar a matrícula, ele descobre que o orçamento da sua família não permite pagar uma mensalidade de R\$ 1.000,00, R\$ 1.500,00 para medicina até R\$ 2.500,00 R\$ 2.800,00. Esse jovem, então, fica sem perspectiva, e os ricos, por exemplo, o empresário mais rico do Brasil, como o filho dele teve uma escola de qualidade, com professores selecionados, e até com reforço particular em casa, o filho dele entra em uma universidade pública que deveria ser da criança menos favorecida.

Então houve uma inversão de valores no Brasil. Nós estamos corrigindo, e essas coisas a gente não faz a correção tão rapidamente como [quando] se prejudica. Vocês sabem que para destruir é sempre mais fácil do que para construir. Certamente vocês já viram na televisão demolir um prédio em uma cidade. Contrata-se uma empresa, ela coloca um monte de dinamite dentro do prédio, amarra o prédio com cabo de aço, liga um detonador e explode em dois minutos um prédio que levou dez anos para se construir, está no chão. Então, destruir é sempre mais fácil. Construir é sempre um processo mais difícil porque você trabalha com um exército de jovens que ficaram esquecidos, que não foram preparados, que foram abandonados.

Até que um dia, neste país, se chegou à conclusão de que não tinha que fazer mais prova para saber se o aluno estava aprendendo ou não estava aprendendo. Por que se tirou a prova? Porque também naquele tempo, como a qualidade de ensino tinha se deteriorado, tinha alunos que repetiam quatro



anos, cinco anos. Muitas vezes você chegava em uma escola da periferia, tinha meninos de 14 anos cursando ainda a terceira série. Porque não.... Professor mal remunerado, desmotivado, as escolas em péssimas condições, ou seja, então nem o aluno era motivado a ir para a escola, não tinha nenhuma motivação, porque estudar, a gente estuda por prazer.

Vocês não fizeram matemática e disputaram a medalha porque a mãe de vocês trancou vocês em uma sala, colocou vocês na frente de um professor e falou: “ou estuda ou apanha”. Não. Em algum momento da vida de vocês, vocês tiveram alguém, ou o pai, ou a mãe, ou um professor, ou uma professora dentro da sala de aula que fez alguma coisa que motivou vocês a participarem da Olimpíada da Matemática, a se interessarem por matemática.

Pois bem, nós, convencidos de que a educação é a coisa mais importante de uma nação, é a coisa mais importante para a formação qualificada que nós queremos da sociedade, nós começamos – depois de uma conversa da Suely, do Camacho. Porque a Suely foi a Brasília me levar cinco meninos, isso em 2004, que tinham ganhado medalha de ouro. E naquele tempo, a maioria dos alunos que se inscrevia na Olimpíada da Matemática, por incrível que pareça, era do Nordeste brasileiro, era do Ceará, o Piauí tinha muita gente, eu lembro disso.

Aí começamos a discutir a possibilidade de fazer na escola pública. Sabe qual foi o primeiro argumento utilizado para mim, a Suely ouviu, acho que o Camacho ouviu, o Tarso Genro, na época, o Fernando Haddad, que hoje é ministro, era secretário-executivo do Tarso Genro, do Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia. Sabe o que nós ouvimos? “Ah! Aluno de escola pública não vai se interessar. Ele não tem motivação para participar de olimpíadas.”

Aí fizemos a primeira em 2004. Inscreveram-se 10,5 milhões de jovens. Fizemos a segunda... A primeira em 2005. A segunda em 2006. Inscreveram-se 14 milhões de pessoas. Depois, fizemos outra, em 2007. Inscreveram-se 17



milhões de pessoas. E essa agora, bateu o recorde dos recordes, 18,3 milhões de jovens se inscreveram.

Hoje nós podemos, aqui nesse plenário, dizer o seguinte: nem os Estados Unidos da América do Norte, que são o país mais rico do mundo, tem a quantidade de jovens estudando olimpíadas como nós fazemos aqui no Brasil. Nem nos Estados Unidos. Talvez, não sei se é verdade, Camacho, é a olimpíada com mais participantes em todo o mundo. Em uma demonstração de que era preciso apenas motivar, para as pessoas se sentirem convencidas de que deveriam participar. E mais importante do que isso, é que nós, a partir de vocês, a gente está motivando outras crianças. Nós queremos levar a olimpíada para os meninos e para as meninas da quarta série, da terceira série. Nós precisamos levar para a sociedade brasileira toda ficar motivada e as pessoas não fazerem do estudo um sacrifício.

Não sei se acontece com vocês que não querem levantar às sete horas da manhã para ir à escola, que não querem levantar às oito, e que ficam torcendo para que tenha uma greve de professor para vocês não estudarem, e que ficam torcendo uma série de coisas. Isso parece muito importante, mas sabe qual é a desgraça de tudo isso? É que a gente só vai perceber o quanto nós somos imbecis quando a gente atinge a idade do pai de vocês, que reclama de não ter uma formação adequada, porque não estudou quando era mais jovem.

Então, o exemplo de vocês é dignificante. E eu queria até pedir para a imprensa. Os nossos companheiros da imprensa – jornalistas da escrita, da falada, da televisada – a gente que todo dia mostra tanta desgraça nesse país. Quando um jovem comete um delito, aparece três semanas sem parar na televisão, pelo amor de Deus, coloquem a cara desses meninos e meninas na televisão para as pessoas saberem. Sabem por quê? Porque o mundo é movido a maus e a bons exemplos. Nós temos que mostrar as coisas ruins, nós não devemos esconder. Mas nós precisamos mostrar as coisas boas.



Tem um jovem que bebe, tem um jovem que está metido no narcotráfico, tem um jovem que está praticando qualquer delito? Tem. Mostre. E vamos fazer a correção necessária para esse jovem aprender. Mas a maioria é como vocês. A maioria são filhos de gente honesta, decente, pobre ou classe média, que quer apenas aprender e progredir na vida. Qual é o sonho de todos nós? Qual é sonho do pai de vocês e da mãe de vocês? Eles querem ganhar melhor para poder melhorar a vida de vocês. Vocês querem se formar profissionalmente, porque vocês querem ter uma vida independente quando vocês estiverem adultos.

Todo mundo quer viver bem. Todo mundo quer ganhar bem. É por isso que a educação é extremamente prioritária no nosso governo.

Este ano, só para vocês terem idéia, o Fernando Haddad falou, nós vamos inaugurar este ano, de escolas técnicas, 100, de escolas técnicas no Brasil, 100. Parece pouco, mas de 1909 a 2003, portanto, em quase 96 anos, foram construídas 140, em 100 anos. Nós, em oito anos, vamos criar 214, e só neste ano vamos inaugurar 100.

Por que nós vamos fazer isso? Porque o mundo está globalizado. O mundo está mais competitivo. Não adianta a gente ficar exportando soja, mamona, algodão. Tudo isso é importante. O que nós precisamos exportar é a inteligência, a nossa competência, a nossa formação profissional, produtos com mais valor agregado, que isso só vem da alta qualidade da educação neste país.

Quem é do interior deste país sabe que antigamente um jovem do interior, para fazer um curso universitário tinha que ir para a capital. Porque cada capital, cada capital tem uma escola, universidade federal. São Paulo, na capital não tem. Tem estadual, mas não tem federal na capital de São Paulo. Tem em São Carlos. Tem mais alguma? Bem, no Nordeste é uma na capital e olhe lá. Olhe lá. Então nós resolvemos que o jovem do interior, ele não tem que virar um retirante para estudar. É preciso levar braços das universidades



existentes na capital, para dar cursos no interior, para permitir que uma menina ou menino, ao terminar o segundo grau, ela tenha oportunidade de, na sua região, poder fazer o ensino universitário. Porque o Brasil precisa, a indústria brasileira precisa e o mundo precisa de gente cada vez mais bem formada.

Então, meu caro Camacho, minha cara Suley, companheiros do Impa. Eu estava com um discurso aqui, Ricardo, para falar bem de você outra vez. Mas se eu ficar falando bem de você mais uma vez, daqui a pouco você vai querer parar de estudar e ser candidato a vereador lá na sua terra. Porque não pode ter exemplo maior do que o Ricardo, vamos ser francos, não pode. Nenhum de nós pode se comparar às condições em que está o companheiro Ricardo. E ele já melhorou muito, porque da outra vez que eu o conheci, ele era levado para a escola em um carrinho de mão, sentado em um carrinho de mão, pelo pai dele. Não é isso, Ricardo? Agora ele já está morando em uma casa perto da escola, acho que a prefeitura é que paga o aluguel, não é isso? Já tem uma cadeira de rodas nova, não vai mais de carrinho, e os professores já compreenderam que ele é uma figura importante. Ele era importante quando resolveu estudar, ficou mais importante quando ganhou a primeira, mais importante quando ganhou a segunda, e agora, que ganhou a terceira, daqui a pouco está sendo convidado para fazer novela. O título da novela será o seguinte: “O gênio”.

E por que eu falo “o gênio”? Porque tem muita gente que tem o corpo perfeito, que ouve bem, que enxerga bem, que tem todas as condições do mundo para não reclamar da vida e vive reclamando, e vive com má-vontade, e vive dizendo que as coisas não dão certo para ele, porque ele não quer fazer o menor esforço para vencer na vida. Então, o Ricardo deveria ser o símbolo da OBMEP.

A primeira Olimpíada que nós fizemos, eu não sei, Suley, o nome do menino de Brasília que ganhou... Paulo Ramos. Era um menino que não enxergava, era um menino que não ouvia, e era um menino em uma cadeira de



rodas como o Ricardo. Ou seja, não existe nada para mostrar mais força de vontade, mais determinação, do que um menino daquele e o Ricardo ganharem a Olimpíada da Matemática.

Mas vamos ver o caso da Maria Clara Mendes da Silva, aqui. Quem disse que tamanho não é documento está coberto de razão. Em uma cidadezinha, ela já foi apresentada aqui, me parece, uma cidadezinha mineira de apenas três mil habitantes, pequenininha, chamada de Pirajuba, mora esse talento gigante em forma de menina, que é a nossa querida Maria Clara. Ela não se contentou em ganhar apenas três medalhas de ouro da OBMEP, não. A Maria Clara, que estuda com muito orgulho em escola pública, ganhou também uma medalha de ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática. Ela foi à OBM disputar na olimpíada da escola particular e ela ganhou medalha de ouro. Cadê? Levanta aí para a gente aplaudir mais uma vez a nossa querida...

Vou dizer uma coisa aqui para os homens não ficarem metidos a besta aqui. Para tornar a façanha ainda mais notável é preciso lembrar – isso aqui foi a Suely quem me disse – que as mulheres, infelizmente, não costumam se destacar em matemática. Isso aqui está começando a provar que a gente vai mudar. Se mulher já está querendo até governar a cidade, o país, mulher está pegando cargo de chefia nas empresas, mulher está entrando na Marinha, está indo à Aeronáutica, acabou o preconceito de que mulher tem alguma coisa inferior, as mulheres são iguais ou mais competentes do que os homens para fazer muita coisa.

Agora, nas olimpíadas, no mundo inteiro, as mulheres têm ganhado menos medalhas do que os homens, embora as mulheres sejam maioria. Agora, menos em Pirajuba, como demonstrou a nossa querida mineirinha. Que ela seja, portanto, um exemplo para que as meninas, não só do Brasil, mas também de outros países estudem bastante. Mas a Maria Clara não se considera um gênio, porque, para ela, matemática é uma coisa simples, basta estudar, estudar vale à pena, como ela explica. O que ela diz? Ela diz:



“matemática é a base para o desenvolvimento tecnológico. Daí a importância da Olimpíada, porque estimula os jovens e ajuda o País a descobrir talentos na área”. Entusiasta da OBMEP, Maria Clara, que só tem 15 anos, é também uma ardorosa defensora do ensino público, como ela mesma afirma: “todo ensino deveria ser público, seria muito mais justo, porque assim, todo mundo teria acesso ao ensino gratuito de qualidade e quem ganharia seria o Brasil, porque a educação é a base para o desenvolvimento de qualquer país”.

Vamos ver o que diz aqui o nosso companheiro Gerson Tavares Câmara de Souza. Cadê o Gerson? Ah, é o nosso... Veja a história aqui: o pai do Gerson, seu João Pedro, é um operário aposentado. Trabalhava na beira de uma fornalha de mil graus, soprando vidros, fazendo copos, jarras e garrafas. A mãe, dona Maria de Lourdes, foi lavradora, depois empregada doméstica. Seu João Pedro e dona Maria de Lourdes só puderam estudar até a 4ª série. Aprenderam a ler, escrever e fazer as quatro operações, mas conseguiram dar ao filho o que nunca conseguiram para si próprios. Resultado: Gerson é tetramedalhista de ouro da OBMEP, o único brasileiro a ganhar quatro medalhas de ouro nesta que é a maior Olimpíada de Matemática do mundo.

Agora, vejam que coisa interessante. E como se fosse pouco, Gerson ainda passou no vestibular da USP e já está estudando para ser um grande engenheiro elétrico. Sem falar nas duas irmãs mais velhas. A Gisele, que está terminando o curso de farmácia da USP, e a Gislene, que se formou também em farmácia, só que em uma faculdade particular, graças ao nosso querido ProUni, que garantiu bolsa para ela se formar.

Mas que ninguém pense que o Gerson, tetracampeão, está levando a vida do meu amigo Ronaldão, ou do Ronaldinho, está folgado, está ganhando dinheiro, não pensem, não. O Gerson estudou em escola noturna porque, de manhã, fazia curso técnico de elétrica, no nosso também querido Senai, e à noite, estágio em uma empresa de automação industrial. A luta continua.



Agora, na USP, Gerson sai de casa antes das 5 horas da madrugada e só volta depois das 10 da noite, porque estuda engenharia elétrica de manhã e de tarde, e à noite faz um curso de iniciação científica ao qual tem direito por ser medalhista da OBMEP. Das 24 horas do dia, Gerson passa pelo menos cinco horas dentro dos quatro ônibus diários: dois para ir, dois para voltar. Aproveita essas 5 horas para descansar e quando der um tempo - não é Gerson? - estudar um pouquinho dentro do ônibus. Não é muito bom ler dentro do ônibus, porque pode ter um deslocamento de retina e pode lhe prejudicar, então descansa dentro do ônibus, meu filho. E vocês acham que ele reclama? Ele não reclama. Que nada, o Gerson está feliz da vida e dá a dica: “matemática não é bom, é esforço, é queimar a pestana” e é justamente o que falta para muitos jovens de nosso país”.

O Gerson sabe o que quer da vida, caprichar nos estudos, ser um engenheiro talentoso, conseguir um bom emprego, talvez fazer mestrado no exterior e retribuir, segundo ele, o que o Brasil tem feito por ele. Diz ele aqui: “quero ensinar outros jovens, dar aulas de orientação, prepará-los para a OBMEP, e é claro, que não vou cobrar por isso, e nem poderia, ninguém deveria cobrar pelo conhecimento, todo mundo deveria ter acesso ao conhecimento”.

Gerson vai fazer a sua parte, sabe muito bem o tamanho da responsabilidade, não só dele, mas de sua geração, como ele mesmo diz. Quanto maior o número de jovens se dedicando à ciência e à tecnologia e quanto mais a gente se esforçar e se sair bem, mais desenvolvido será o Brasil.

Eu queria, meu querido Gerson, só pelo fato de você ser tetra, porque no ano que vem pode ter mais um monte de tetra aqui. Quem foi campeão a primeira vez pode ser bi, o bi pode ser tri, e o tri pode ser tetra e você uma hora vai tomar conta da vida, não vai mais ficar disputando a Olimpíada da Matemática. Eu quero ver você disputando agora coisas maiores do que isso.



Mas o que eu queria dizer para vocês que esses exemplos, que certamente é o exemplo da vida de cada um de vocês. Dos nomes escolhidos aqui, a única diferença é o nosso companheiro Ricardo, porque é um menino excepcional nesse país. Mas, possivelmente todos vocês são iguais e alguns que eu não citei sejam até mais competente em matemática do que os que eu citei.

O que eu queria dizer para vocês é apenas o seguinte: a vida não nos dá muitas oportunidades. O que é importante é que a gente agarre cada oportunidade com unhas e dentes. Quando eu perdi a primeira eleição para presidente não faltou uma pessoa para dizer para mim: “Lula desiste, você perdeu, não dá certo”. Alguns diziam: “você quer ser candidato? Você não sabe que você só tem o 4º ano primário e um curso no Senai? Desiste. Isso não é para você. Presidente é para doutor, é para gente chique, é para a gente...” E eu não desisti. Perdi a segunda. Aí o mesmo discurso: “Você é nordestino, rapaz. Você não percebe? Você nem tirou o diploma de doutor, você quer ser Presidente da República? Não se enxerga, não?” Era daí para cima. Eu não desisti. Perdi a terceira. Até a Marisa falou assim para mim, minha mulher: “Ô meu, não se manca não? Não se manca não?” E o meu partido começou a ficar preocupado porque dizia: “Pô, esse cara perde todas, por que a gente vai ficar tentando ele?”

Até que chegou 2002, eu ganhei as eleições. Aí, 2002, eu ganhei as eleições, e comecei a fazer aquilo que eu acreditava que os governantes tinham que fazer por mim. Como vocês são muito jovens e, jovem normalmente, a gente tem uma vitalidade, uma saúde infernal, uma resistência física para tudo, a gente nunca pensa que vai ficar velho, a gente nunca pensa que vai se aposentar, a gente sempre pensa que os pais da gente vão sustentar a vida inteira. Eu queria dizer para vocês uma coisa de coração, de coração: toda vez que vocês estiverem desanimados, toda vez que vocês estiverem em casa discutindo: “As coisas não melhoram. Eu não vou mais



estudar. Não está dando certo. Meu pai está desempregado”. Pelo amor de Deus, não desanimem. Não desanimem, não parem nunca. Quanto mais adversidade a gente encontrar, mais vontade de brigar a gente tem que ter. Se a gente tomar um tombo, tem que levantar, se cair outra vez, tem que levantar. A gente não pode nunca achar que já chegamos ao ponto máximo da nossa vida. Não existe limite para isso. O limite é a nossa vontade. É a nossa determinação. É a nossa perseverança. Então, dediquem, dediquem esses próximos 10 ou 15 anos de vocês, porque não tem nada mais sagrado do que essa idade dos 10 aos 25 anos de idade. É onde a gente pode tudo. Onde a cabeça da gente aprende tudo, e onde a gente tem que dedicar o esforço incomensurável para aproveitar todas as oportunidades.

E quando alguém disser para vocês: “Ah, eu até tenho vontade, mas a classe política brasileira não presta. Eu não gosto de prefeito, eu não gosto de governador, eu não gosto de vereador, porque é tudo bandido”. Não fiquem procurando o governante perfeito nos outros. Não fiquem procurando. Porque possivelmente, o governante com quem vocês sonham, ou o político que vocês querem, está dentro de vocês.

Eu descobri em 78. Eu descobri em 78 que era preciso entrar na política, porque aquilo que eu pensava da política não tinha ninguém no Congresso Nacional que me atendesse. Eu falei: se eu quero fazer alguma coisa, eu tenho que tirar o instrumento. E, hoje, o instrumento mais sagrado para vocês, que eu tenho certeza que é motivo de orgulho para as mães, para os pais, que se pudessem tomavam a medalha de vocês e colocavam nos pescoços deles, de tão orgulhosos que eles estão de vocês. Eu tenho certeza de que a gente pode dizer, em alto e bom som, que o Presidente da República, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, o ministro da Ciência e Tecnologia, da Educação, o prefeito e todas as autoridades, inclusive os companheiros do Impa, estão orgulhosos, dizendo: “Este país que, muitas vezes, a gente aprendeu que nós não somos ninguém, nós somos pequenos, tudo o que nós fazemos não



presta, que bom que é importado, as coisas boas só acontecem no mundo... Este país não deve nada a ninguém”. Vocês são os exemplos mais dignificantes de que em se tratando de inteligência o Brasil compete com qualquer país do mundo.

E eu quero dizer para vocês que vivi hoje um dia de glória. Vocês pensam que são só vocês que ficam nervosos quando vêm aqui, mas imaginem que um presidente, um governador, não só ficam nervosos, como a gente fica com vontade de chorar quando a gente vê uma pessoa de 38 anos de idade, que ganhou a sua medalha de ouro porque acreditou nela. Aqui no meio de vocês, 38 anos de idade, participando da OBMEP, 38 anos de idade, está ali o companheiro.

Ele poderia ter desistido aos 30, ele poderia ter desistido aos 25, entretanto ele teimou e está no meio de vocês e eu posso dizer para vocês, mais entusiasmado do que muitos jovens aqui. E quando a gente então pega um baixinho, deste tamanhinho, que entra aqui? Eu fico até com medo de perguntar quantos anos você tem e ele falar: “eu tenho cinco, eu tenho quatro”, mas já tem 12. Ele não cresceu muito porque cresceu a inteligência e o corpo diminuiu. Vocês sabem o orgulho que a gente fica aqui, a vontade cada vez que eu entrego a medalha para vocês não é só de beijar e abraçar, mas é de chorar como certamente o pai e a mãe de vocês chorou, quando soube que vocês ganharam medalha de ouro.

Então hoje é um motivo de orgulho. Vocês quando regressarem para suas casas podem dizer aos pais de vocês: “Pai, ou mãe, o Presidente da República disse que o dia de hoje foi um dia de glória para ele, porque ele viu estampado nos nossos olhos a certeza da grandeza do futuro do nosso país”.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
